

# COMPORTAMENTO SEXUAL DE MULHERES OBESAS: UM ESTUDO SOBRE OS ESTIGMAS DA SEXUALIDADE NA ERA DIGITAL

Lillian Salatini Mauricio Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo

Esse trabalho tem como objetivo diagnosticar visões sobre o comportamento sexual de mulheres obesas. Para isso, utilizou-se entrevistas pessoais de mulheres que, anonimamente, falaram sobre sua vida sexual e a análise de dois perfis públicos das redes sociais de uma influenciadora digital, que busca empoderar a sexualidade do corpo obeso. As postagens foram analisadas e comentadas qualitativamente de acordo com a manifestação pública feita pelas reações do *Facebook*, *Instagram* e comentários dos usuários que demonstraram haver uma cibercultura estigmatizante direcionada para mulheres obesas e manifestada publicamente através de textos mal-intencionados, preconceituosos e perversos e concluindo que a mulher obesa é estigmatizada nas redes sociais; porém, no ciberespaço elas também podem expressar sua sexualidade e resgatar sua autoestima

**Palavras-chave:** Cibercultura. Estigmas da sexualidade. Lipofobia. Assédio virtual. *Cyberbullying*.

## Sexual behaviour of obese woman: A study on the stigmas of sexuality in the digital age

### Abstract

This work aims to diagnose visions about the sexual behavior of obese women. For this purpose, personal interviews of women who anonymously spoke about their sexual life were used, as well as the analysis of two public profiles of the social networks of a digital influencer who seeks to empower the sexuality of the obese body. The posts were analyzed and commented qualitatively according to the public manifestation made by the reactions of *Facebook*, *Instagram* and comments from users who demonstrated that there is a stigmatizing cyberculture directed to obese women and manifested publicly through malicious, prejudiced and perverse texts.

**Keywords:** Cyberculture. Sexuality Stigmata. Lipophobia. Virtual Assault. *Cyberbullying*.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2022). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2019), Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio pela Universidade Federal de São Paulo (2018) e graduação em Processos Gerenciais pela Fundação Getúlio Vargas - EBAPE (2016). Tem experiência na área de Educação EAD, educação antirracista, educação para igualdade de gênero, orientação de TCC e desenvolvimento de jogos.

## Introdução

A principal reflexão sobre a abordagem do tema é a possibilidade de investigar e diagnosticar os estigmas presentes no comportamento sexual de mulheres obesas, procurando identificar dessa forma as necessidades e dificuldades das pessoas obesas em relação à sexualidade.

Verifica-se também o comportamento das mulheres que reprimem sua sexualidade em relação ao seu peso, comparando-as com o perfil da rede social público da influenciadora digital Cíntia Lira, que prega a erotização do corpo gordo como forma de transgressão à sociedade lipofóbica<sup>2</sup>.

Sexo pode ser entendido como práticas, atitudes e comportamentos vinculados ao ato sexual, sendo uma relação de estímulos e respostas fisiológicas. Para Foucault (1976/2009) o sexo opera como dispositivo de sexualidade que diz a verdade do sujeito.

Já a sexualidade é um conjunto de fatores, percepções e sentimentos vinculados ao sexo e à vida sexual do indivíduo, é fator natural da vida de qualquer ser humano que vai muito além da concepção de reprodução e perpetuação da espécie, bem como a compreensão dos diferentes elementos que as compõe, corroborando com Bozon (2004, p.42) que diz que o "sexo como prática reprodutiva na sexualidade contemporânea possui um espaço limitado e de pouca relevância, pois a sexualidade é uma experiência pessoal fundamental para construção do sujeito e que historicamente se constituiu socialmente com grande relevância na esfera da intimidade e da afetividade."

O comportamento humano face à sexualidade decorre de influências históricas, políticas, valores culturais e religiosos, pois, de acordo com Bozon (2004, p.96) "existe uma tradução sexual das relações desiguais onde as desigualdades sociais, econômicas, as diferenças étnicas e culturais e os comportamentos que colocam o indivíduo em posição de superioridade modificam seu comportamento sexual, que resultará na expressão assimétrica entre os corpos, criando representações sexuais estereotipadas."

Goffman (1988) esclarece que quando esses indivíduos e a expressão da sua sexualidade são desaprovados pela sociedade há uma situação estigmatizante, comprometendo o convívio social, familiar e os relacionamentos afetivos.

---

<sup>2</sup> Dentro da concepção foucaultiana, lipofobia é a ação de resposta dos sujeitos lipofóbicos que se caracteriza pelo medo da gordura, medo de engravidar e medo da improdutividade.

A imagem corporal também é um fator importante para a sexualidade humana, pois está diretamente ligada a características da personalidade, à autoestima, à confiança e ao comportamento sexual. De acordo com Lewis *et al.* (2011) a repulsa pelo próprio corpo compromete emocional e fisicamente o indivíduo, deixando-o vulnerável a distúrbios psíquicos como: ansiedade, depressão, transtorno alimentar, disfunção sexual e distúrbio sexual.

A imagem inconsciente do corpo de Freud ([1923] 1996) é mediatizada por três instâncias do aparelho psíquico: “O id, eu e supereu, sendo que essa imagem não se constitui pela necessidade e o eu está diretamente ligado às questões corpóreas e, considerando que a imagem inconsciente do corpo só se constitui a partir da linguagem na relação com o outro, a parte consciente do corpo é responsável pelo esquema corporal, sendo essa fonte das pulsões.” (TISSERON, 2010 p. 58). Sendo assim, é possível que o esquema corporal seja divergente da imagem inconsciente do corpo, ocasionando distorções da imagem corporal.

Frequentemente pessoas obesas têm a sexualidade reprimida pela coletividade, devido ao estigma da anormalidade do seu corpo, levando-as a se sentirem incapazes de dar ou obter prazer sexual. Essas pessoas aceitam o estigma criado, de que são culpadas por sua condição desviante, onde seu peso é resultado do seu fracasso pessoal, o que incentiva seu retraimento social.

Nesse sentido, é possível concordar com a análise de Teixeira, Freitas e Caminha (2012) sobre Foucault e Deleuze que dialogam sobre as capacidades e ações que o corpo pode realizar, na qual a lipofobia, que é o medo da gordura, é explicado sobre a perspectiva foucaultiana de normatização do comportamento social para efetivação da biopolítica<sup>3</sup> e os discursos sociais, médicos e midiáticos que resultam em manifestações sociais que atribuem ao corpo gordo ideias de abjeção, o corpo deficiente, manifestado através dos sujeitos lipofóbicos através do medo da gordura, medo de engordar e medo da improdutividade. Já para Deleuze, autocontrole, disciplina corporal e magreza são atributos fundamentais para se destacar positivamente no coletivo.

A pessoa obesa está sujeita a dois tipos diferentes de estigma, o primeiro tipo referente a anormalidades do corpo. A mídia valoriza o corpo magro, evidenciando esse biotipo como saudável, desejável, valorizando seus atributos, o que logicamente exclui o sujeito que apresenta o corpo obeso desviante do padrão estético

---

<sup>3</sup> Conceito criado por Foucault (1976/2009) que aborda o mecanismo de poder através das intervenções e controle regulador da população por meio da disciplina dos corpos.

desejável e o torna alvo de estigma.

A publicidade torna-os objetos desejáveis por meios de vínculos com os signos, atuando no desejo, na sedução, e influenciando o consumidor por meio da angústia e, algumas imagens mobilizam processos de transformações psíquicas que podem provocar sensações no corpo e mobilizar os desejos (TISSERON, 2010).

O segundo tipo de estigma está ligado a atribuição de culpa de caráter individual, algumas pesquisas como a de Lewis *et al.* (2011) e Omote (2004) indicam que a obesidade é associada ao baixo autocontrole, falta de força de vontade e responsabilidade social, preguiça, incompetência, instabilidade emocional, entre outras características pessoais pouco valorizadas, atribuindo ao indivíduo total culpa por sua obesidade, devido a juízos de valor como falta de disciplina e autocontrole.

Nesse cenário fica difícil para pessoas obesas encontrarem parceiros sexuais, uma das alternativas pode ser a aceitação da sua imagem corporal, o empoderamento e a representatividade da sexualidade do corpo obeso. Frente a essa situação estigmatizadora, surge um movimento social norte-americano originado nos Estados Unidos, o *Fat Pride*, que apesar de pouco conhecido no Brasil, é um caminho para o fortalecimento da identidade social das pessoas obesas, no que tange à aceitação social e as reflexões que repercutem, entre outros aspectos, na melhor vivência da sexualidade por mulheres obesas participantes ativas do movimento.

As noções de amor, intimidade e prazer sexual em pessoas obesas estão diretamente ligadas ao modo como reagem aos estigmas da sua sexualidade, pois há pessoas obesas que concordam passivamente com a condição de estigmatizada e há quem desafie publicamente essa construção social.

Algumas pessoas obesas concordam passivamente com a grande construção de obesidade como sua própria culpa, porque é assim que elas têm sido rotuladas socialmente (ROGGE *et al.*, 2004 *apud* CUSTODIO, 2015), porém há diferença de estigmatização de corpos gordos, devido à desigualdade de gêneros, influenciadas pelo apelo midiático do estereótipo de corpo feminino.

Este artigo citará a influenciadora digital Cíntia Lira que possui mais de duas características propícias para sua marginalização, pois além de mulher e obesa, ela é bissexual e possui muitas tatuagens e cicatrizes.

Dentro da perspectiva psicanalítica analisado por Porchat (2015),

corpo é abjeto na qual Butler (2003 *apud* PORCHAT p.168, 2015) cita que “alguns corpos são humanamente inconcebíveis, sendo que a ideia do abjeto é a ideia daquilo que não cabe em mim, que não dou conta, que não quero ver, que não entendo, que não explico e que não dou conta”.

Nesse sentido, este artigo concorda com Andrade (2015) sobre os limites que o sujeito atribui para aquilo que é feito com o corpo abjeto, como por exemplo, a autonomia e a liberdade de usar o corpo para fazer uma tatuagem e de expor cicatrizes.

Essa liberdade muitas vezes se submete a escolhas dos desenhos e locais adotados para serem feitos, e há uma regulação e critérios sociais sobre marginalizar ou não essas marcas, sobre comportamentos sexuais normatizados ou patológicos e, principalmente, quais os limites para aquilo que se pode fazer para esse corpo invisibilizado pelos sujeitos.

Portanto, este artigo busca questionar: O que acontece quando esse corpo abjeto sai do campo da exclusão e da invisibilidade, da abjeção, para performar eroticamente nas redes sociais?

Nessa perspectiva de aceitação e interiorização dos estigmas, uma pesquisa de levantamento bibliográfico realizada por Lara (2008) indicou que as mulheres apresentam maior incidência de disfunções sexuais relacionadas ao desejo sexual, orgasmo ou dor durante o ato sexual, baixa autoestima, ansiedade, angústia, agressividade, tristeza, compulsão, negação, insatisfação com a imagem corporal com distúrbios e distorções referentes ao reconhecimento das medidas corporais, anatômicas, tamanho e forma corporal.

Pesquisas recentes sugerem que a obesidade em mulheres afeta negativamente as relações de namoro. Sheets e Ajmere (2012) citados por Silva (2012) entrevistaram 554 universitários e descobriram que as mulheres com sobrepeso tinham menos probabilidade de estar namorando do que as mais magras, e que o peso corporal estava negativamente correlacionado com a satisfação com o relacionamento. Além disso, as mulheres que foram orientadas a perder peso por seus parceiros românticos relataram menor satisfação no relacionamento. Aquelas com sobrepeso pareciam mais desfavorecidas do que os parceiros de namoro em comparação com os homens, cujo peso desempenhava um papel menos importante nas relações. Com base nestes estudos, foram entrevistadas mulheres obesas e analisadas as respostas obtidas por elas pela perspectiva psicanalítica, embora não exclusivamente.

## **Métodos**

Neste estudo foram entrevistadas sete mulheres obesas, cinco heterossexuais (três casadas e duas divorciadas), uma lésbica solteira e uma bissexual solteira com faixa etária entre 30 e 45 anos. As participantes foram voluntárias conforme as normas vigentes para execução de estudos com seres humanos no Brasil.

Todas as informações foram utilizadas somente com fins de pesquisas, e a identidade das participantes foi preservada com todo rigor.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada que teve duração aproximada de 20 minutos, realizada individualmente em local reservado e guiada pelas seguintes questões norteadoras:

E: Como está sua sexualidade atualmente?

E: Fale sobre sua experiência envolvendo a obesidade e a sexualidade.

Foram participantes deste estudo membros de uma rede social (Facebook) que interagiram voluntariamente e publicamente as postagens de conteúdos no perfil pessoal Cíntia Lira (CY), seguida por 42.176 pessoas, que de livre consentimento autorizou a realização dessa pesquisa

A pesquisa foi realizada no ambiente virtual de publicações do *Facebook*, sendo que o acesso ao conteúdo das publicações é aberto ao público geral. Os sujeitos participantes possuem a idade mínima permitida para criar uma conta na rede social, de acordo com sua política de privacidade e segurança, interagiram publicamente nas publicações feitas pelo perfil Cíntia Lira (CY) sendo voluntários não pagos conforme as normas vigentes para execução de estudos com seres humanos no Brasil. Todas as informações foram utilizadas somente com fins de pesquisas, e a identidade dos participantes foi preservada com todo rigor. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro de 2019, utilizando-se todas as ocorrências de postagens.

A segunda rede social objeto de estudo foi o *Instagram*. Foram participantes deste estudo membros de uma rede social que interagiram voluntaria e publicamente às postagens de conteúdos no perfil pessoal '@ataldacintiafuckinglira', seguida por 4.312 pessoas

## **Resultados**

Das sete mulheres entrevistadas, apenas uma respondeu que estava feliz com sua imagem corporal e se sentia sensual na hora da relação sexual ou em outros momentos do seu dia.

**Mulher 1:** “Apesar de estar gordinha, eu me sinto bem, me sinto linda. Eu tenho relações sexuais frequentes. Eu não tenho vergonha, porque eu acho assim, eu estou casada há 23 anos e nunca coloquei na cabeça que meu marido me trai, porque tudo que é lugar a gente vai junto e ele nunca mostrou que tem vergonha de mim, então eu também não tenho vergonha de ter relações com meu marido, de jeito nenhum”

Uma das mulheres heterossexuais casada disse:

**Mulher 2:** “Meu marido fala que não liga para o meu sobrepeso. Mas percebo que ele deixou de fazer muitas coisas que fazia quando eu estava mais magra. Sei que ele não me acha mais atraente, não elogia quando coloco uma roupa nova e isso acaba com a minha autoestima.”

A entrevistada lésbica respondeu que após ter aumentado seu peso corporal não teve mais relações sexuais.

**Mulher 3:** “Eu sinto vergonha do meu corpo e sinto medo de machucar minha parceira com o meu sobrepeso. Então achei melhor ficar sozinha mesmo.”

Outra entrevistada casada, 36 anos, relata:

**Mulher 4:** “Minha sexualidade está passando por um momento difícil. Estou com dificuldades para achar as posições corretas para que eu possa ter uma relação sexual plena (...) eu peso 127 quilos, minha barriga cobre tudo. Não consigo enxergar minha sexualidade e perco a libido. Sempre fico de luzes apagadas, apesar do meu companheiro nunca ter me julgado e falava sempre que não havia problema (...) já fiquei até 4 meses sem ter relação e a procura sempre partia dele(...) não existe *lingerie* bonita para pessoas obesas, isso para mim também é um problema.”

A resposta da entrevistada solteira, 38 anos, heterossexual, foi:

**Mulher 5:** “Não está fácil. Mas busco alternativas para que minhas relações sejam boas (...) Depois de muitos fracassos em relacionamentos, descobri que poderia achar partes no meu corpo que eu sentisse prazer e falar sempre isso ao meu parceiro. Percebi que eu acabo ajudando-o também. Quando tenho a relação, procuro não pensar no meu corpo. Apenas sinto. O difícil agora é achar o parceiro, risos.”

### **As mulheres 6 e 7 citaram:**

Falta de libido, vergonha de mostrar o corpo ao parceiro, cansaço e dizem que só fazem sexo com luzes apagadas.

Segundo os autores (PENNA, 1989; SEGAL, 2002 *apud* WANDERLEY 2010) as mulheres dão extrema importância à imagem corporal, acreditando que essa possa lhes proporcionar o sucesso pessoal.

Quando não conseguem atingir esses objetivos estéticos, costumam apresentar sentimentos de inferioridade, pois ficam vulneráveis perante o culto ao corpo, passando a cometer excessos não recomendáveis para o bem-estar psicológico, seguidos de uma redução das medidas corporais provocadas pela restrição alimentar ou episódios bulímicos, praticados principalmente por indivíduos obesos do sexo feminino, que passam ou não por tratamento da obesidade.

As mulheres obesas são estigmatizadas pela anormalidade do corpo, que difere do padrão estético socialmente estabelecido e pelo defeito<sup>4</sup> de caráter individual, na qual falta ao sujeito, força de vontade, competência e controle emocional para enquadrar seu corpo à estética aceitável (GOFFMAN, 1988).

Uma das entrevistadas diz que sente vergonha do seu corpo e teme machucar sua parceira, então achou melhor ficar sozinha.

Goffman (1988) alerta sobre como a identidade social do sujeito estigmatizado é afetada quando ele está sempre exposto ao fator estigmatizante. Nos casos analisados neste artigo, não há como esconder a obesidade e o sobrepeso, corroborando o comportamento adotado pela entrevistada em seu relato, onde foi observado que por não poder esconder o atributo estigmatizante, no caso a obesidade, opta pelo isolamento social e amoroso.

Uma diferença entre as mulheres que interiorizam e aceitam os estigmas das que confrontam a sociedade lipofóbica e se relacionam bem com a imagem corporal é a proximidade emocional e sexual entre o casal e o aumento da autoestima, conforme observado na entrevista.

Willian Febré, fundador da *Fat Pride*, é um cônjuge que discorda das situações degradantes que sua esposa obesa era submetida, a *National Association for Advance of Fat Acceptance* (NAAFA) foi

---

<sup>4</sup> Goffman (1988) ao definir estigma esclarece que o conceito será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo e quando o efeito de descrédito é muito grande também é considerado um defeito, atribuído o sentido de fraqueza e desvantagens defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade.



fundada em 1969, no Estados Unidos, sendo esse o marco inicial da luta pela aceitação social e o combate à discriminação das pessoas obesas (NEVES, 2014). Pode-se considerar o surgimento do *Fat Pride* como uma estratégia utilizada para o enfrentamento do estigma, como uma possibilidade de reduzir o seu impacto social e melhorar a convivência com essa condição, trazendo algumas reflexões e avanços importantes, podendo refletir positivamente na sexualidade das mulheres obesas participantes do movimento. Essa afirmação é evidenciada nas entrevistadas que aparentam não interiorizar os estigmas e conviver positivamente com sua imagem corporal, e também pela Cintia Lira, através de suas postagens no *Facebook*, que serão evidenciadas neste estudo.

### **Análise das Redes Sociais**

Para Prioste (2011) as mídias digitais são palco de interações e comunicações mediadas por tecnologias em suas redes de relacionamentos virtuais, sendo a cultura digital extremamente visual, são ícones e imagem que estimulam a fantasia. Nesse sentido, e dentro da perspectiva psicanalítica, a realidade e a fantasia se misturam no ciberespaço.

O Ciberespaço torna-se um lugar privilegiado para a expressão do mundo imaginário em suas diversas nuances e que exerce poderoso fascínio, onde, de acordo com Prioste (2011) o ambiente virtual aproxima os usuários das redes sociais ao *voyeurismo* e exibicionismo, através do desejo de olhar e de ser olhado, denotando prazer em olhar e em serem vistos nas telas de computadores.

O *Facebook* é um fenômeno da cultura digital, onde as informações circulam rapidamente e abrem espaço para que pessoas se relacionem virtualmente e exponham suas opiniões e julgamentos sem temer consequências:

Esse fenômeno revela a substituição de uma disciplina tecno capitalista quase voluntária por outra totalitária, que transforma amizades em um mercado de troca material operada por meio do voyeurismo e da destruição da sua intimidade. A fantasia vigente na rede social é a de cada pessoa tornar-se uma celebridade, com direitos a fãs, seguidores e exibição de sua intimidade [...]. Nas redes sociais, meninas revelam seus sonhos, cotidianos, suas fantasias, elas são atraídas para o mundo virtual pelas trocas intersubjetivas e a necessidade de se sentirem aceitas e reconhecidas por seus pares no ciberespaço. (PRIOSTE, 2016 p. 228).

A ferramenta de reações dos perfis que interagem, avaliando de forma expressiva com as publicações, é aberta para qualquer membro seguidor do perfil, por decisão de privacidade do administrador. Também é permitido aos seguidores comentarem nas publicações novas e já existentes, sendo que a administradora do perfil monitora suas publicações e interage com os visitantes e as postagens.

Nas publicações há a possibilidade de os perfis concordarem ou não com o conteúdo por meio dos botões de reações, de polegar para cima que assinala a concordância, e polegar para baixo afirmando a discordância.

Também é possível expressarem de forma mais afetiva com o botão de reações em uma publicação e compartilhar diferentes reações ao conteúdo postado: "Curtir, Amei, Ha-há (engraçado), Uau (surpreso), Triste ou Grr (raiva)" e comentarem, de forma pública ou privada, diretamente na sessão "comentários da publicação". As três publicações analisadas estão abertas para todos os membros do *Facebook* e interagirem voluntariamente.

Para essa investigação, utilizaram-se publicações do perfil Cíntia Lira (CY), mensurando quantitativamente as reações das publicações e qualitativamente alguns comentários que expressam comportamento estigmatizante.

Todas as postagens foram organizadas conforme ocorrências sobre as respostas positivas, negativas ou indiferentes sobre a pergunta inicial do fórum. Além de, diagnosticar postagens preconceituosas e uma análise qualitativa sobre a sexualidade e a algum outro tipo de ocorrência relevante, que a autora julgou necessário à sua classificação. Além disso, todo o conteúdo foi analisado qualitativamente pela autora chegando-se às discussões, considerações finais do estudo e formas de intervenção para a temática.

A figura 1 é acompanhada de um relato feito após um período de bloqueio do *Facebook*.

Figura 1 – Publicação 1



Fonte: Perfil da Rede Social Cíntia Lira (2018)

Descrição da figura 1 segundo a própria Cíntia Lira:







Atualmente, eu procuro muito mostrar meu corpo como ele realmente é, vestida e sem roupa. Na rua e na internet. Porque eu acredito na importância disso. As pessoas desconhecem o corpo gordo, por isso estranham e agridem (...) eu não existo para sustentar padrão nenhum, ou desejos específicos de pessoas (...) meu corpo é político, porque a sociedade o marginalizou. E agora é hora de pôr os pingos nos is (...) vai ter foto que o meu objetivo é erótico, vai ter foto que não é (...). (LIRA, 2018).

Vê-se na citação acima, uma situação em que o estigmatizado decide não mais aceitar o estigma. E ela segue seu comentário dizendo:

Eu não me reconhecia como mulher (...) foi preciso eu ter contato com outras mulheres, ver seus corpos, para entender que não tinha nada de errado com meu corpo (...) se eu tivesse tido representatividade, minha vida teria sido no mínimo menos amarga. Então vou continuar impondo meu corpo em todos os espaços. Para que outras pessoas se vejam de outras formas, para que eu mesma me veja de outras formas, e buscando naturalização. (LIRA, 2018).

Percebe-se que Cíntia Lira retoma o apreço por sua imagem corporal e busca descobrir seu corpo e aceitá-lo em todas as suas formas, onde é possível concordar com Goffman (2002, p.27) quando diz que "um indivíduo pode estar convencido do seu ato ou ser cínico a respeito dele".

Tabela 1 – Reações dos usuários

Reação	Ocorrências
	2.100
	3.000
	845
	91
	91
	34
TOTAL REAÇÕES	6.161
TOTAL COMENTÁRIOS	9.735
COMPARTILHAMENTOS	1.622

Fonte: A autora (2019)

Através da representatividade, que ela relata ter ocorrido por meio da interação com o Templo das Gordas – um grupo composto por mulheres obesas que buscam o empoderamento do corpo obeso feminino –, ela adota a postura de tornar-se uma figura pública das redes sociais, influenciando através da representatividade erótica do corpo obeso, outras pessoas que estão reprimidas socialmente. Com isso, Cíntia Lira se torna vulnerável aos estigmas diretos. Através das demonstrações preconceituosas de usuários em seus perfis das redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, e de sua família que, segundo ela, desaprovam a sua mudança e seu comportamento nas redes sociais, consideram suas roupas inadequadas. Ela também é vulnerabilizada através dos estigmas indiretos, pois ao ousar utilizar roupas sensuais nas ruas e postar fotos erotizando seu corpo, atrai olhares e comentários indesejados.

A Figura 2 possui 27 mil comentários, muitos deles positivos, principalmente de mulheres, porém o que chama a atenção são os comentários que depreciam os comentários dos outros, caracterizando “estigma de cortesia”, na qual, segundo Goffman (1988) o sujeito que se relaciona diretamente com o estigmatizado compartilha do estigma. Seguem abaixo comentários positivos, que demonstram a importância da visibilidade objetivada pela Cíntia Lira:

“Mulheres Gordas Existem e Resistem!” “Não as conheço, mas já sou fã!” “É interessante você parar por 1 segundo e olhar com olhos de







empatia, largando de lado o preconceito e reparando que apesar das diferenças elas são dignas de amor.”

Figura 2 – Publicação 2



Fonte: Perfil da Rede Social Cintia Lira (2018)

Tabela 2 – Reações dos usuários

Reação	Ocorrências
	19.000
	4.200
	3.200
	1.300
	200
	16
<b>TOTAL REAÇÕES</b>	<b>28.016</b>
<b>TOTAL COMENTÁRIOS</b>	<b>27.000</b>
<b>COMPARTILHAMENTOS</b>	<b>3.701</b>

Fonte: A autora (2019)

Em contrapartida, observa-se os estigmas de cortesia por aqueles que demonstram empatia e se manifestam positivamente para foto

publicada: “Oh, mas as mulheres são falsas”, ou “Eu acho mais engraçado os comentários elogiando-a do que os que zoam”, e ainda, “Maravilhosa onde? Obesidade não tem nada de bonito”.

A Figura 3 faz parte de um ensaio fotográfico intitulado “O Corpo” do grupo Templo das Gordas, tem 12 mil comentários, onde um grupo de mulheres busca demonstrar a beleza e a sensualidade do corpo obeso. Para Vasconcelos *et al.* (2004), a mídia valoriza o corpo magro colocando esse como saudável, valorizado e desejado. Logo, sendo a magreza um padrão normativo de beleza e saúde, muitos dos comentários publicado nessa postagem concluíram que as modelos do ensaio estavam doentes. Sendo possível concordar com Goffman (2002), quando diz que um indivíduo cínico pode enganar o público pelo que julga ser o próprio bem deste ou pelo bem da comunidade, e que esses indivíduos reafirmam essas limitações na qual Goffman (1988) diz que tanto as mentes quanto os corpos saudáveis podem estar aleijados.

Estes são alguns comentários feitos na foto postada: “Só de olhar essa foto meu colesterol subiu”, “Obesidade é doença, não padrão de beleza”, “Isso não é bonito, pelo amor de Deus, elas estão obesas imagine como tá a saúde delas”, “Ei, isso aí é obesidade”, “Isso Mata e não é pouco, isso não é nada agradável” e “As pessoas deveriam parar de romantizar a obesidade”.

Indo além da anomalia do corpo, os comentários estigmatizantes também fazem alusão ao desvio de caráter, onde são questionadas a capacidade e a disposição de Cintia Lira em mudar a sua condição de obesa e se ajustar ao modelo de corpo socialmente aceito. Um comentário publicado na foto 3 com o julgamento de caráter cita:

“Esse lance de se aceitar é só uma desculpa para não fazer esforços e permanecer dentro da zona de conforto, se não gosta do seu corpo vá fazer o que tem que ser feito para mudar! E não ficar se alto sabotando e dizendo que se aceita”.

Figura 3 – Publicação 3



Fonte: Perfil da Rede Social Cintia Lira – fotógrafa: @bahsimoes (2018)

Tabela 3 – Reações dos usuários

Reação	Ocorrências
	3.200
	1.800
	1.000
	153
	183
	30
TOTAL REAÇÕES	6.366
TOTAL COMENTÁRIOS	12.713
COMPARTILHAMENTOS	2.538

Fonte: A autora (2019)

O estigmatizador busca obter controle social sobre o estigmatizado. Para tanto, criam-se códigos de conduta, mecanismos de fiscalização do cumprimento desses códigos e programas de tratamento dos infratores. Nessas condições, as possibilidades para a construção de desvios surgem no momento da instituição dos códigos de conduta (BECKER, 1977). Logo, qualquer manifestação desviante é tratada como uma infração aos olhos dos estigmatizadores, que sendo eles pessoas social e moralmente ajustadas, gozam plenamente de sua licença moral para agredir aquele que apresenta um comportamento desviante. Ou seja, tornando inaceitável que Cintia Lira se sinta bem com seu corpo e

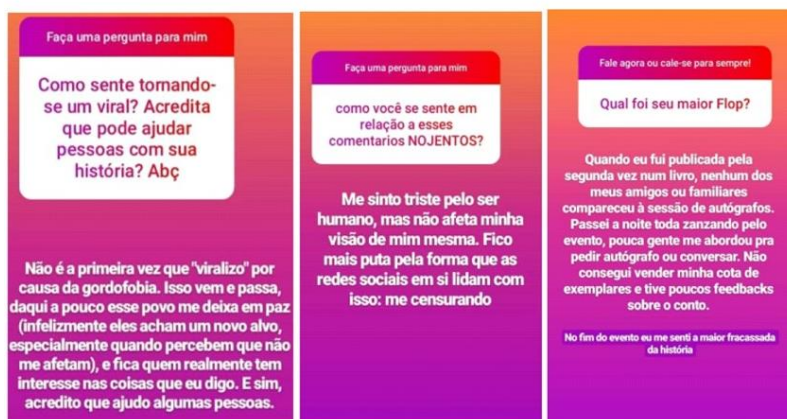
que receba apoio social para seu empoderamento, utilizando-se conscientemente do preconceito, da crueldade e de perversões.

O controle social estigmatizador não pode permitir que a visibilidade da Cintia seja recebida como algo socialmente aceitável. Por essa razão, haverá sempre comentários negativos, que a ridicularizem e que a façam se sentir mal com sua exposição, reprimindo suas práticas, atitudes e comportamentos.

As tabelas 1, 2 e 3 expressam, através das reações, que o número de “gostei” e “amei” superam expressivamente as reações de risos, tristeza, surpresa e raiva. Isso demonstra que, apesar do grande número de comentários que ridicularizam e se expressam negativamente, ainda há visibilidade positiva para suas postagens.

O grande número de compartilhamentos indica que, apesar de muitos compartilharem apenas para zombar da publicação, ela consegue atingir pessoas que se sentem representadas e que, possivelmente, com receio do estigma de cortesia, não comentam nas publicações, mas reagem positivamente a elas.

Figura 4 – Publicação *Instagram* 1



Fonte: Perfil do *Instagram* Cintia Lira

O *Instagram* é uma rede social utilizada para compartilhamento de fotos e vídeos. É um ambiente virtual capaz de atender as necessidades individuais de olhar o outro, se exibir, ser visto, mas por outro lado é palco para a ação de usuários que se sentem à vontade para expressar sua intolerância para a diversidade de corpos e expressões sexuais, de modo que é possível observar nos comentários das postagens a ação de personalidades perversas e a intensificação da perversão.



Amaral (2009) relata em seus estudos sobre Freud que todos temos uma disposição perverso-polimorfa no inconsciente e que isso pode resultar em personalidades perversas<sup>5</sup>.

Os usuários que perseguem e atacam os perfis de Cíntia demonstram também sinais típicos da defesa do perverso, de modo que eles se mostram sedutores em seus comentários, negam serem preconceituosos ou gordofóbicos, alegando, principalmente, que ela precisa perder peso para ter saúde e, por último, passam pela clivagem onde a atacam diretamente, podendo até levar suas ações para fora do ciberespaço.

Figura 5 – Publicação *Instagram* 2



Fonte: Perfil *Instagram* Cíntia Lira (2018)

Cíntia Lira é estigmatizada por ter marcas de automutilação em sua pele. Mecanismos de dor e excitação estão interligados. A coexcitação provocada pela dor é, de um lado, pressupor o par do prazer, e de outro, que tal excitação seria proveniente da efração de limites, corpóreos, inclusive, infligida pelo outro (AMARAL, 2009). De acordo com Freud ([1908a] 1973, *apud* Amaral, 2009) em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença neurótica moderna”, as mulheres pagaram um preço maior pelo projeto da civilidade moderna, comparado aos homens, pois para se enquadrar dentro da moral sexual civilizada, regulada pelos imperativos reguladores da monogamia conjugal e princípios éticos do familiarismo, houve o sacrifício libidinal feminino, sujeitando-a a perturbações psíquicas

<sup>5</sup> Amaral (2009) esclarece que as personalidades perversas caracterizam-se pela fixação do sujeito ao objeto de fetiche, pela imobilidade da pulsão e por agirem como figura de suprema superioridade para compensar suas feridas narcísicas.

pelo projeto biopolítica do passado (BIRMAN, 2009).

## Conclusões

Verifica-se neste estudo que o estigma e o preconceito contra sexualidade de pessoas obesas existem, e este preconceito, com as práticas e papéis desempenhados também pela sociedade e comunidade das redes sociais, denota a presença da lipofobia devido ao estigma da anormalidade do corpo obeso, o que leva a maioria das pessoas obesas a se sentirem incapazes de ter prazer nas relações sexuais.

Os sujeitos estigmatizados reprimem sua sexualidade na maioria dos casos e interiorizam estes estigmas, ocasionando sentimento de culpa por sua condição. Os relatos apresentados neste artigo mostram uma clara denotação de um mundo estigmatizado, e que subexiste inclusive nas identidades dos indivíduos.

Virtualmente, o preconceito ainda é declarado, mas pode-se perceber nas análises do perfil de uma figura pública no *Facebook* e *Instagram*, que a representatividade está presente e atrai milhares de seguidores que têm reações positivas com as postagens onde a sexualidade está intimamente ligada à aceitação do corpo e ao empoderamento da mulher obesa. Concorda-se com Porchat (2015) quando diz que Butler menciona que o corpo excede as intenções do sujeito e não acata completamente as normas que impõem sua materialização, resistindo tanto às intenções do sujeito quanto às normas sociais, abrindo espaço para a transformação individual e, conseqüentemente, social.

Observa-se o mal-estar e o desejo de fazer o mal ao outro, ocasionado pela postagem dos estigmatizadores. Por outro lado, o ciberespaço também empodera a usuária que assume seu protagonismo e encontra espaço para expressar sua sexualidade e resgatar sua autoestima. É provável que várias estratégias de redução de estigma sejam necessárias para mudar atitudes sociais negativas sobre pessoas obesas. Isso pode exigir educação sobre as causas complexas da obesidade e as conseqüências danosas do estigma, o reconhecimento das dificuldades de perder peso de forma significativa e sustentável, os esforços para desafiar os estereótipos baseados no peso, a promoção da tolerância ao peso em múltiplos ambientes buscando inibir as desigualdades com base no peso corporal.

É de extrema urgência que mais estudos sejam realizados para que

este tipo de estigma e preconceito não seja mais exercido pela população, vendo que há estimativa de que 30 milhões de pessoas sejam obesas. É certo que grupos humanos produzem suas exclusões, porém, é necessário ter consciência da vulnerabilidade comum entre os indivíduos para haver mais aproximação entre os seres abjetos, buscando reconhecimento das semelhanças entre todos os indivíduos, tirando corpos da invisibilidade para haver menos normatização daquilo que um corpo pode ser e fazer e, por consequência, menos exclusão.

## Referências

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições? **Psicologia USP**, v. 6, n. 2, p. 69–85, 1995.

ANDRADE, Priscila Aparecida Martins. Mulheres e tatuagens: valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino. 2015. 112f. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132055>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ARAUJO, Lidiane Silva. *et al.* Preconceito frente à obesidade: representações sociais veiculadas pela mídia impressa. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 69–85, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/9461/10922>. Acesso em: 06 dez. 2020.

BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1977.

BIRMAN, Joel. Pacto perverso e biopolítica. **Psicologia Clínica**, v. 21, n. 2, 2009.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. FGV Editora, 2004.

CUSTODIO, Vagner; *et al.*, Obesidade, Estigma e Sexualidade, **In: 10 EIDE – Encontro Ibero Americano de Educação**, 2015. Araraquara: UNESP Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/9461/10922>. Acesso em: 06 dez. 2020

DA SILVA, Guidélia Aparecida da; SOARES NEVES LANGE, Elaine. IMAGEM CORPORAL: A percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 28, n. 60, 2017. ISSN 1980–5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19779>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. [1923]. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I [1976]: **A vontade de saber** (19ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. 2009

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Editora Vozes – décima edição, tradução Maria Célia Santos Raposo. 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**, 1988, Digitalizado em 2004, LTC – quarta edição, tradução Mathias Lambert. Disponível em:  
<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>.  
Acesso em: 05 fev. 2019

LARA, Lúcia Alves da Silva *et al.* Abordagem das disfunções sexuais femininas. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 6, p. 312–321, junho 2008. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032008000600008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032008000600008&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 13 jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032008000600008>.

LEWIS, Sophie, *et al.* How do obese individuals perceive and respond to the different types of obesity stigma that they encounter in their daily lives? A qualitative study. **Social Science & Medicine**, 73, p. 349–356, 2011.

LIRA, Cintia. 10 fev. 2018, **Publicação do facebook**. Disponível em:  
[www.facebook.com/photo.php?fbid=462457844266662set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057291.type=3theater](http://www.facebook.com/photo.php?fbid=462457844266662set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057291.type=3theater). Acesso em: 05 fev. 2019.

LIRA, Cintia. 17 jul. 2018 **Publicação do facebook**, Disponível em:  
[www.facebook.com/photo.php?fbid=559126797933099set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057242.type=3theater](http://www.facebook.com/photo.php?fbid=559126797933099set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057242.type=3theater). Acesso em: 05 fev. 2019.

LIRA, Cintia. 25 ago 2018, **Publicação do facebook**. Disponível em:  
[www.facebook.com/photo.php?fbid=418969748615472set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057327.type=3theater](http://www.facebook.com/photo.php?fbid=418969748615472set=pb.100015073512754.-2207520000.1551057327.type=3theater). Acesso em: 05 fev. 2019.

NAAFA. We Come In All Sizes. **Wiley Online Library**, 2019, Disponível em:  
<https://static1.squarespace.com/static/5e7be2c55ceb261b71eadde2/t/605d0c207b0cfe06b0263bc8/1616710689316/SDHE.pdf> . Acesso em 21 fev. 2019.

NEVES, Alden dos Santos; MENDONÇA, André Luis de Oliveira. Alterações na Identidade Social do Obeso: Do Estigma ao Fat Pride: Uma perspectiva plural. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 619–631, ago. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/9461/10922>. Acesso em: 24 fev. 2019.

OMOTE, Sadao. Estigma no tempo da inclusão. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 10, n. 3, p. 287–308, 2004.

PORCHAT, Patrícia. A Psicanálise e a Politização dos Objetos. Apresentação. *In*: BENTO, B.; FÉLIX, W. (org.). **Desfazendo gênero**: subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal, RN: Editora UFRN, 2015, p. 165–172.

PRIOSTE, Cláudia D. Fantasias virtuais na adolescência: exibicionismo, onipotência e sedução. *In*: **VI Congreso Internacional de Psicología y Educación y III Congreso Nacional de Psicología de la Educación**. Madrid: Ediciones de la Asociación Nacional de Psicología y Educación, 2011, v. 1, p. 1235–1250., cidadania, transfeminismo. 2015. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/11244349/FANTASIAS\\_VIRTUAIS\\_NA\\_ADOLESCENCIA\\_EXIBICIONISMO\\_ONIPOTENCIA\\_SEDUCCION](https://www.academia.edu/11244349/FANTASIAS_VIRTUAIS_NA_ADOLESCENCIA_EXIBICIONISMO_ONIPOTENCIA_SEDUCCION). Acesso em: 13 dez. 2021.

PRIOSTE, Cláudia D. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**, Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013,

## Comportamento sexual de mulheres obesas

doi:10.11606/T.48.2013.tde-21052013-113556. Acesso em: 20 maio 2020.

SILVA, Ângela Gabriela Guedes da. Imagem corporal, conjugalidade e sexualidade: estudo comparativo entre mulheres com sobrepeso/obesas e não-obesas. 2012. 136f. **Tese de Doutorado**. Universidade do Algarve, Portugal.

Disponível em:

<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/5767/1/%c3%82ngela%20Silva%20-%20Imagem%20Corporal%2c%20Conjugalidade%20e%20Sexualidade%202012.pdf>  
. Acesso em: jan.2020

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro de; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico. **Motriz: Revista de educação física**. Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 590-601, 2012. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742012000300019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742012000300019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 jan. 2021.

TISSERON, Serge. *Psychanalys de l'imagem: des premiers traits au virtuel*. Paris: **Librairie Arthème Fayard**, Pluriel, 2010.

WANDERLEY, Emanuela Nogueira; FERREIRA, Vanessa Alves. Obesidade: Uma perspectiva plural. **Ciências e Saúde Coletiva**. v. 15, n. 1, p. 185-194, 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a24v15n1.pdf> Acesso em: 18 fev. 2019.